



A verdade não se submete às urnas da sinodalidade: por que a hierarquia instituída por Cristo deve proteger o Depósito da Fé | 1

Vivemos em uma época profundamente marcada pela democracia. Estamos acostumados a eleger representantes, aprovar leis por maioria, consultar opiniões e partir do princípio de que, em geral, toda questão pode ser submetida a uma deliberação coletiva.

Essa maneira de organizar a vida civil pode ter a sua legitimidade na ordem política. Mas surge um perigo quando transferimos, sem as devidas distinções, essa lógica para o âmbito da Revelação divina: **a tentação de pensar que também a verdade revelada pode ser modificada, redefinida ou aprovada por maioria de votos.**

E é precisamente aqui que aparece uma questão decisiva para compreender corretamente a sinodalidade: **a Igreja escuta, discerne, dialoga e caminha em conjunto, mas não é proprietária da Revelação.**

A fé católica não nasceu de uma votação.

O Credo não foi aprovado porque uma maioria de cristãos considerou conveniente acreditar na Santíssima Trindade. A divindade de Cristo não depende de uma sondagem. A realidade da Ressurreição não está submetida a uma consulta popular. A indissolubilidade do matrimônio, a realidade do pecado, a necessidade da graça, a dignidade da vida humana ou a natureza sacramental da Igreja não são questões que possam ser resolvidas através de uma simples soma de opiniões.

A Igreja recebe um Depósito da Fé que deve conservar, transmitir, explicar e defender.

O Catecismo ensina que os bispos, em comunhão com o Papa, têm precisamente o dever de anunciar o Evangelho fielmente e com autoridade, como autênticas testemunhas da fé apostólica e revestidos da autoridade de Cristo.

Esta afirmação é particularmente importante no nosso tempo, porque existe uma crescente confusão entre **escutar o Povo de Deus e atribuir ao Povo de Deus a capacidade de constituir a verdade revelada.**

São duas coisas completamente diferentes.

1. Cristo não fundou uma assembleia parlamentar

Para compreender o papel da hierarquia, devemos começar por Cristo.



A verdade não se submete às urnas da sinodalidade: por que a hierarquia instituída por Cristo deve proteger o Depósito da Fé | 2

Jesus não deixou simplesmente uma coleção de ensinamentos para que as gerações posteriores os reinterpretassem de acordo com as suas próprias necessidades culturais. Ele fundou uma Igreja e confiou a determinados homens uma missão determinada.

A Pedro disse:

«*Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja*» (Mt 16,18).

E acrescentou:

«*Eu te darei as chaves do Reino dos Céus*» (Mt 16,19).

Aqui não encontramos o modelo de uma comunidade na qual a doutrina seja decidida através de uma votação.

Encontramos uma Igreja fundada sobre Cristo, com uma estrutura apostólica e pastoral.

Jesus também disse aos Apóstolos:

«*Quem vos ouve, a mim ouve*» (Lc 10,16).

E, depois da Ressurreição, quando os enviou, declarou:

«*Ide, pois, fazei discípulos de todas as nações [...] ensinando-os a observar tudo o que vos ordenei*» (Mt 28,19-20).

A expressão é extraordinariamente significativa: «**tudo o que vos ordenei**».

Os Apóstolos não receberam autorização para decidir quais mandamentos continuariam



A verdade não se submete às urnas da sinodalidade: por que a hierarquia instituída por Cristo deve proteger o Depósito da Fé | 3

válidos de acordo com as preferências de cada época. Receberam a missão de transmitir aquilo que haviam recebido.

Por isso, a Igreja não é proprietária da Revelação. Ela é **a sua depositária**.

2. O que é exatamente o Depósito da Fé?

O termo pode parecer abstrato, mas a ideia é simples.

O Depósito da Fé é o conjunto daquilo que Deus revelou para a nossa salvação e confiou à Igreja para que o conserve e transmita.

São Paulo utiliza precisamente a linguagem do depósito quando exorta Timóteo:

| *«Guarda o precioso depósito que te foi confiado» (2Tm 1,14).*

E novamente:

| *«Guarda o que te foi confiado» (1Tm 6,20).*

Ele não diz: «Modifica o depósito quando as circunstâncias mudarem».

Não diz: «Submete o depósito a votação».

Diz: **«Guarda-o»**.

A missão do Magistério nasce precisamente desse mandato.

O Catecismo ensina que a interpretação autêntica da Palavra de Deus, escrita ou transmitida, foi confiada ao Magistério vivo da Igreja, exercido pelos bispos em comunhão com o sucessor de Pedro. E acrescenta algo fundamental: **o Magistério não está acima da Palavra de Deus, mas está ao seu serviço**.

Esta distinção é fundamental.

O Papa não é proprietário da verdade.



A verdade não se submete às urnas da sinodalidade: por que a hierarquia instituída por Cristo deve proteger o Depósito da Fé | 4

O bispo não é proprietário da verdade.

Um concílio não é proprietário da verdade.

Uma conferência episcopal não é proprietária da verdade.

E tampouco o é o conjunto dos fiéis.

A verdade pertence a Deus.

A Igreja é chamada a servi-la.

3. A hierarquia não é uma invenção humana

Uma das confusões contemporâneas consiste em apresentar a hierarquia eclesial como se fosse simplesmente uma estrutura histórica surgida por razões administrativas.

Do ponto de vista católico, isso é insuficiente.

Cristo escolheu os Apóstolos, confiou-lhes uma autoridade e estabeleceu neles um ministério destinado a continuar na Igreja.

O Catecismo explica que Cristo escolheu os Apóstolos e os tornou participantes da sua missão e autoridade e que, depois da sua Ascensão, continua a conduzir a sua Igreja através dos pastores que prolongam a sua obra. Os bispos são os sucessores dos Apóstolos.

Portanto, a hierarquia não é simplesmente uma burocracia religiosa.

Um bispo não é simplesmente um «gestor» de uma comunidade.

Um sacerdote não é apenas um coordenador de atividades.

O Papa não é simplesmente o presidente de uma associação internacional.

Existe aqui uma realidade sacramental e teológica muito mais profunda.

O ministério ordenado participa da missão de Cristo e possui uma tríplice dimensão:
ensinar, santificar e governar.

Por isso, a autoridade episcopal implica uma responsabilidade particularmente grave:



A verdade não se submete às urnas da sinodalidade: por que a hierarquia instituída por Cristo deve proteger o Depósito da Fé | 5

guardar a fé recebida.

4. Escutar não significa submeter a verdade a votação

Aqui encontramos o coração do problema.

A sinodalidade pode e deve implicar escuta.

A Igreja deve escutar as experiências dos fiéis.

Deve escutar as famílias.

Deve escutar os jovens.

Deve escutar os sacerdotes.

Deve escutar aqueles que sofrem.

Deve até escutar as perguntas difíceis e as objeções que podem ajudar a compreender melhor determinadas situações.

Mas escutar não significa necessariamente aceitar.

E discernir não significa necessariamente aprovar.

Uma Igreja que escuta pode dizer:

«Compreendemos o vosso sofrimento, mas esta doutrina não pode ser modificada.»

Pode dizer:

«Compreendemos a vossa dificuldade, mas a verdade revelada não depende da nossa dificuldade em aceitá-la.»

Pode dizer:

«A vossa experiência merece acompanhamento pastoral, mas uma experiência individual não pode tornar-se automaticamente uma nova norma moral universal.»

Esta distinção é essencial.



A verdade não se submete às urnas da sinodalidade: por que a hierarquia instituída por Cristo deve proteger o Depósito da Fé | 6

A pastoral deve partir da verdade, não substituí-la.

5. O perigo de democratizar o dogma

Imaginemos por um momento que o dogma funcionasse democraticamente.

Suponhamos que determinada doutrina recebesse hoje 51% dos votos e amanhã apenas 49%.

A verdade teria mudado?

Evidentemente que não.

A maioria pode errar.

Até a unanimidade humana pode errar.

A opinião pública pode errar.

Comunidades inteiras podem cair no erro.

A história demonstra isso continuamente.

A verdade revelada possui uma natureza diferente porque a sua origem não é a opinião humana, mas Deus.

Por isso, a doutrina católica distingue radicalmente entre **o governo de uma comunidade política** e **a custódia da Revelação**.

Na política pode existir uma maioria legítima.

Na doutrina, a maioria não transforma o erro em verdade.

Na moral, a popularidade não transforma um ato desordenado em um ato bom.

No dogma, uma votação não transforma uma opinião humana em Revelação.



A verdade não se submete às urnas da sinodalidade: por que a hierarquia instituída por Cristo deve proteger o Depósito da Fé | 7

6. Nem os concílios «inventam» a verdade

A história da Igreja oferece um exemplo magnífico.

Os grandes concílios ecumênicos não se reuniram para decidir qual forma de cristianismo era preferida pela maioria.

O Concílio de Niceia, por exemplo, não «inventou» a divindade de Cristo.

A divindade de Cristo já pertencia à fé apostólica.

O Concílio teve de **defender e formular com precisão** aquilo que a Igreja havia recebido.

O mesmo se aplica a outros grandes momentos doutrinários da história da Igreja.

A Igreja desenvolve a sua linguagem, aprofunda a sua compreensão, responde às heresias, distingue conceitos e formula definições cada vez mais precisas.

Mas uma definição dogmática autêntica não cria uma nova verdade.

Torna explícita e protege uma verdade recebida.

Isto explica como a doutrina pode desenvolver-se sem mudar o seu significado.

Um desenvolvimento autêntico é como contemplar uma realidade a partir de diferentes perspectivas: podemos compreendê-la melhor sem a transformar em outra coisa.

7. E quanto ao «sentido da fé» dos fiéis?

Aqui devemos evitar outro extremo.

Defender a hierarquia não significa desprezar o Povo de Deus.

Todo batizado é chamado à santidade e participa, segundo a sua condição, da missão de Cristo. O Catecismo reconhece uma verdadeira igualdade na dignidade entre todos os fiéis e afirma que cada um participa, segundo a sua vocação, da missão da Igreja.

Além disso, existe o **sensus fidei**, o sentido sobrenatural da fé.

O Espírito Santo age em toda a Igreja.



A verdade não se submete às urnas da sinodalidade: por que a hierarquia instituída por Cristo deve proteger o Depósito da Fé | 8

Mas isso não significa que toda opinião individual possa automaticamente ser apresentada como uma manifestação do Espírito Santo.

O sentido da fé não significa:

«Eu penso isto, portanto o Espírito Santo revelou-mo.»

Também não significa:

«A maioria dos católicos considera esta conduta aceitável, portanto a Igreja deve declará-la moralmente boa.»

O sentido da fé está profundamente ligado à vida de graça, à fidelidade ao Evangelho, à Tradição apostólica e à comunhão com o Magistério.

O Povo de Deus não está contraposto ao Magistério como se fossem dois poderes políticos.

A Igreja é um só corpo.

8. A sinodalidade autenticamente católica não elimina a hierarquia

A palavra «sinodalidade» está ligada a uma realidade antiga da Igreja: caminhar juntos.

E caminhar juntos é profundamente católico.

Mas caminhar juntos não significa que todos desempenhem a mesma função.

Numa família, todos podem participar da vida familiar, mas nem todos exercem a mesma responsabilidade.

Num corpo, cada membro é importante, mas nem cada membro desempenha a mesma função.

São Paulo explica isso claramente:

«Com efeito, o corpo é um só e tem muitos membros [...] assim também é Cristo» (1Cor 12,12).



A verdade não se submete às urnas da sinodalidade: por que a hierarquia instituída por Cristo deve proteger o Depósito da Fé | 9

A Igreja precisa de uma diversidade de carismas, ministérios e responsabilidades.

Portanto, a sinodalidade corretamente entendida não deveria transformar-se numa democratização da estrutura sacramental da Igreja.

A participação não elimina a autoridade.

A escuta não elimina o ensinamento.

O diálogo não elimina a verdade.

O discernimento não elimina a Revelação.

9. Um bispo não pode limitar-se a ser o porta-voz da opinião da sua diocese

Este ponto possui enormes consequências pastorais.

Um bispo não recebe a sua missão perguntando continuamente:

«O que quer a minha diocese que eu ensine?»

A sua pergunta fundamental deveria ser:

«O que Cristo me confiou e como devo transmiti-lo fielmente?»

Os bispos têm o dever de ensinar autenticamente a fé e governar pastoralmente as suas Igrejas particulares, em comunhão com o Papa e com toda a Igreja.

Isso exige coragem.

Às vezes, um pastor terá de ensinar algo que não é popular.

Às vezes, terá de recordar uma doutrina que causa desconforto.

Às vezes, terá de corrigir uma tendência cultural.

Às vezes, terá de dizer «não».

E esse «não» pode ser precisamente um ato de caridade pastoral.



Porque um médico não ama o doente quando lhe diz apenas aquilo que ele deseja ouvir.

Um pai não ama o seu filho quando nunca o corrige.

E um pastor não ama o seu rebanho quando sacrifica a verdade para evitar conflitos.

10. A misericórdia precisa da verdade

Uma das grandes tentações contemporâneas consiste em colocar misericórdia e verdade uma contra a outra.

Como se dizer a verdade fosse falta de misericórdia.

Como se defender uma norma moral objetiva fosse falta de compaixão.

Mas o cristianismo nunca compreendeu a misericórdia como abolição da verdade.

Cristo perdoa a mulher pecadora, mas também lhe diz:

▮ *«Vai e não tornes a pecar» (Jo 8,11).*

Existe misericórdia.

Mas existe também conversão.

Existe acolhimento.

Mas existe também verdade.

Existe perdão.

Mas existe também um chamado a mudar de vida.

A pastoral católica deve conservar ambas as dimensões.

Uma pastoral sem verdade termina por se transformar em sentimentalismo.

A verdade sem caridade pode transformar-se em dureza.



A verdade não se submete às urnas da sinodalidade: por que a hierarquia instituída por Cristo deve proteger o Depósito da Fé | 11

Mas a solução não consiste em sacrificar a verdade.

A solução consiste em **proclamar a verdade com caridade**.

11. Nem a moral pode ser submetida às sondagens

A mesma questão aparece no campo moral.

A nossa época frequentemente formula as perguntas desta maneira:

«O que pensa a sociedade?»

«O que pensa a maioria?»

«O que considera normal a nossa geração?»

«O que pensam os jovens?»

Mas a pergunta cristã é diferente:

«**O que ensina Deus?**»

A moral cristã não depende das tendências sociais.

Se amanhã uma sociedade considerasse aceitável determinado comportamento, mesmo que esse comportamento fosse objetivamente contrário à lei moral, ele não se tornaria automaticamente bom.

E se uma sociedade rejeitasse uma verdade moral, essa verdade não deixaria, por isso, de ser verdadeira.

A Igreja não tem autoridade para declarar bom aquilo que Deus revelou como mau.

Da mesma maneira, não tem autoridade para declarar mau aquilo que Deus estabeleceu como bom.

A sua autoridade é ministerial.

Ela guarda aquilo que recebeu.



A verdade não se submete às urnas da sinodalidade: por que a hierarquia instituída por Cristo deve proteger o Depósito da Fé | 12

12. A obediência católica não é obediência cega

Também este ponto exige uma precisão.

Defender a autoridade do Papa e dos bispos não significa afirmar que toda palavra pronunciada por qualquer membro da hierarquia seja automaticamente infalível.

A Igreja distingue cuidadosamente os diferentes níveis de ensinamento.

O Catecismo afirma que a infalibilidade é exercida, entre outros casos, quando o Romano Pontífice ou o colégio dos bispos em comunhão com ele proclama, mediante um ato definitivo, uma doutrina de fé ou de moral, e também quando existe um ensinamento ordinário e universal proposto como definitivo.

Além disso, mesmo quando um ensinamento não é proposto de maneira definitiva, existe uma obrigação de assentimento religioso ao Magistério autêntico.

Portanto, a posição católica séria não é:

«O Papa é sempre infalível em tudo.»

Isso seria falso.

Mas também não é:

«Todo católico pode livremente aceitar ou rejeitar qualquer ensinamento segundo a sua opinião pessoal.»

Isso também não corresponde à doutrina católica.

A verdadeira atitude católica encontra-se entre estes dois erros: **fé, obediência, prudência, estudo e respeito pela legítima autoridade da Igreja.**

13. O verdadeiro problema não é a Igreja escutar demasiado

Por vezes, a sinodalidade é criticada como se escutar o Povo de Deus fosse, por si mesmo, algo perigoso.

Não é.



A verdade não se submete às urnas da sinodalidade: por que a hierarquia instituída por Cristo deve proteger o Depósito da Fé | 13

A Igreja sempre escutou.

Os Apóstolos escutaram as comunidades.

Os Padres da Igreja dialogaram.

Os concílios discutiram.

Os teólogos argumentaram.

Os santos fizeram perguntas difíceis.

A tradição católica nunca foi uma tradição de pensamento superficial.

O problema surge quando **a escuta é confundida com soberania doutrinal.**

A Igreja pode perguntar:

«Como viveis este ensinamento?»

Mas isso não significa:

«Quereis que este ensinamento continue a ser verdadeiro?»

Pode perguntar:

«Que dificuldades pastorais estais a experimentar?»

Mas não:

«Que doutrina quereis que a Igreja tenha?»

A primeira atitude é pastoral.

A segunda transformaria a Revelação num produto de consumo.

14. O que significa isto para o católico comum?

Isto tem consequências muito concretas.

Primeiro: **não devemos construir a nossa fé com base em sondagens.**



A verdade não se submete às urnas da sinodalidade: por que a hierarquia instituída por Cristo deve proteger o Depósito da Fé | 14

Segundo: **não devemos transformar as redes sociais num magistério paralelo.**

Terceiro: **não devemos pensar que uma opinião, pelo simples facto de ser repetida milhares de vezes, se torna por isso doutrina católica.**

Quarto: **devemos conhecer o Catecismo e o ensinamento oficial da Igreja.**

Quinto: **devemos aprender a distinguir entre uma opinião teológica, uma disciplina pastoral, um ensinamento magisterial e um dogma.**

E sexto: devemos rezar pelos nossos pastores.

Porque defender a autoridade da Igreja não significa idealizar todos os bispos ou todos os sacerdotes.

Os pastores continuam a ser homens capazes de errar nas suas opiniões prudenciais, de cometer pecados e de agir mal em determinadas circunstâncias.

Cristo, porém, não prometeu que cada pastor seria pessoalmente perfeito.

Prometeu algo muito mais importante: **que a sua Igreja não seria abandonada.**

«Eu estou convosco todos os dias, até ao fim do mundo» (Mt 28,20).

15. A Igreja não precisa de uma democracia doutrinal; precisa de santos

Talvez esta seja a conclusão pastoral mais importante.

A grande crise que a Igreja atravessa hoje não será resolvida simplesmente através de um maior número de reuniões.

Nem através de um maior número de votações.

Nem através de sondagens.

Nem através de campanhas digitais.

Nem através de guerras entre «progressistas» e «tradicionalistas».



A verdade não se submete às urnas da sinodalidade: por que a hierarquia instituída por Cristo deve proteger o Depósito da Fé | 15

A Igreja precisa de homens e mulheres santos.

Precisa de sacerdotes que amem profundamente Cristo.

Precisa de bispos com coragem para ensinar.

Precisa de leigos bem formados.

Precisa de famílias cristãs.

Precisa de jovens que conheçam o Evangelho.

Precisa de católicos capazes de distinguir a voz de Cristo do ruído das redes sociais.

E precisa recuperar uma convicção elementar:

a verdade não se fabrica; recebe-se.

Conclusão: caminhar juntos, sim; votar sobre a Revelação, não

A Igreja pode caminhar sinodalmente.

Deve escutar.

Deve dialogar.

Deve discernir.

Deve acompanhar.

Deve procurar as melhores respostas pastorais aos desafios de cada época.

Mas existe um limite que não pode ultrapassar:

a Igreja não pode tornar-se autora daquilo que recebeu como Revelação.

A sinodalidade autenticamente católica não consiste em substituir o Magistério por uma assembleia deliberativa, nem em transformar a doutrina num referendo permanente.



Cristo fundou uma Igreja.

Deu-lhe uma missão.

Constituiu Apóstolos.

Deu-lhes autoridade.

Prometeu-lhes a assistência do Espírito Santo.

E confiou aos seus sucessores a responsabilidade de guardar o depósito recebido.

Por isso, a autoridade da hierarquia não deve ser entendida como um obstáculo à sinodalidade, mas como uma garantia de que o caminhar juntos não termine por nos afastar de Cristo.

Porque **caminhar juntos não significa que todos tenham autoridade para mudar o caminho.**

A Igreja não é chamada a perguntar qual verdade a maioria deseja.

É chamada a perguntar qual verdade recebeu do seu Senhor.

Não somos nós que julgamos o Evangelho.

É o Evangelho que julga a nossa época.

Não somos nós que escolhemos quais mandamentos de Cristo conservar.

Somos nós que somos chamados à conversão e à obediência.

E nem o bispo, nem o sacerdote, nem o teólogo, nem o leigo, nem o concílio, nem o Papa podem dispor arbitrariamente da Revelação como se ela fosse propriedade pessoal deles.

O Magistério existe precisamente para servi-la.

A hierarquia existe para guardá-la.

Os sacramentos existem para comunicar a graça de Cristo.

A Tradição existe para transmitir aquilo que foi recebido.



A verdade não se submete às urnas da sinodalidade: por que a hierarquia instituída por Cristo deve proteger o Depósito da Fé | 17

E o Povo de Deus existe para viver, celebrar, professar e anunciar esta fé.

Por isso, diante da tentação de democratizar o dogma e transformar a moral cristã numa questão de maiorias, o católico pode recordar com serenidade as palavras de São Paulo:

«Pois não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor» (2Cor 4,5).

Aqui está a chave.

Nós não anunciamos a nós mesmos.

Não anunciamos as nossas preferências.

Não anunciamos as modas de uma geração.

Não anunciamos a opinião da maioria.

Anunciamos Cristo.

E quando a Igreja é verdadeiramente fiel à sua missão, não muda a verdade para a adaptar ao mundo.

Faz algo muito mais difícil e, ao mesmo tempo, muito mais belo:

ajuda o mundo a converter-se à verdade.

A Igreja pode mudar os seus métodos pastorais.

Pode melhorar a sua linguagem.

Pode estudar novas realidades.

Pode aprofundar a sua compreensão.

Pode escutar novas perguntas.

Pode encontrar novos caminhos de evangelização.



A verdade não se submete às urnas da sinodalidade: por que a hierarquia instituída por Cristo deve proteger o Depósito da Fé | 18

Mas há uma coisa que nunca pode fazer:

transformar a Revelação de Deus numa questão submetida às urnas.

Porque a verdade não recebe a sua autoridade dos nossos votos.

A verdade possui autoridade porque vem de Deus.

E a missão da Igreja não consiste em decidir qual verdade deseja ter.

Consiste em permanecer fiel à verdade que o seu Senhor lhe confiou.